

QUEM É MÃE? MÃE, QUEM É? UMA BREVE ANÁLISE DO ROMANCE *FAMINTOS*, DE LUÍS ROMANO

Luzia Barros²²

Resumo: O presente texto busca analisar o romance *Famintos* (1962), do escritor cabo-verdiano Luís Romano, pontuando alguns aspectos de denúncia que o autor buscava enfatizar quando da escrita da narrativa, lembrando que a pobreza extrema, a seca e a fome que atingiam sua terra nos anos quarenta do século XX foram os motivadores da escrita da ficção aqui tratada, bem como aspectos ideológicos que podiam aprofundar a calamidade.

Palavras-chave: Cabo Verde, seca, fome, ideologia.

Abstract: This paper seeks to analyze the novel *Famintos*, from the Cape Verdean writer Luís Romano, pointing some aspects of the complaint that the author sought to emphasize when writing the narrative. It's important to keep in mind that extreme poverty, drought and famine which hit Romano's homeland in the forties of the twentieth century were the motivators of the fiction, as well as ideological aspects that could deepen calamity.

Keywords: Cape Verde, drought, famine, ideology

Uma capulana que gemia

No ano de 2012, o canal de televisão Discovery exibiu um documentário, realizado pela instituição Médicos sem Fronteiras e rodado no Senegal, em que o cinegrafista acompanhava o cotidiano de cinco médicos que trabalhavam em campos de refugiados e em pequenas aldeias atingidos pela fome, violência e por diversas moléstias.

Mais que a atuação humanitária dos médicos, um episódio e depoimento chamaram-nos especial atenção: na passagem por uma aldeia, uma médica tentava resgatar uma criança que tinha febre e disenteria; o carro da equipe médica estava estacionado perto da casa da criança, para que ela fosse transportada. Logo atrás da casa havia uma pequena área de mata e de lá vinha o ruído de um choro agonizante, uma queixa baixa, de som quase imperceptível. A médica procurou e viu um pedaço de pano, caído ao fundo de um buraco.

A profissional foi aproximando-se do local e, ao erguer os trapos, percebeu que ali estava um ser humano. Não se podia distinguir sexo ou idade, apenas uma figura magra com olhos saltados. Naturalmente a médica tratou de resgatar aquela pessoa e, aos poucos, foi desvendando os detalhes de sua identidade. Tratava-se de uma mulher, que havia caído da ribanceira e fraturara as duas pernas, estava ali há alguns dias, sem que ninguém percebesse sua falta. Estava sem se alimentar e muito febril. A esperança de restituir a saúde da moça era pequena, mas a médica empenhou-se em levá-la à cidade e tentar dar-lhe algum conforto. Foi

²² Doutoranda em Estudos Comparados – FFLCH – Universidade de São Paulo. Bolsista Capes. Dissertação de mestrado: “O canto do galo, o pouso da mosca”: exclusão social em Manuel Lopes e Graciliano Ramos” sob orientação do professor doutor Benjamin Abdala Junior.



durante esse período que a médica ficou sabendo aos poucos de quem se tratava, com depoimentos de um ou outro morador da região. Findados três ou quatro dias a moça faleceu.

A médica, acostumada que estava com esse tipo de episódio, não se sensibilizou com a morte da moça, mas com sua história, que, àquela altura, já ficara no passado. Tratava-se da professora da aldeia, que tinha estudado fora e dedicava-se exclusivamente a alfabetizar e transmitir seus conhecimentos para as crianças da região. Vivia só, embora pretendesse se casar. Enfim, menos impressionante que a morte, é a identidade daquela moça, que tinha seus sonhos e seu papel na sociedade local. Tratava-se, portanto, de uma experiência silenciada pela miséria que, no nosso entender, é bastante afim com a ficção que aqui buscaremos analisar, o romance *Faminto* (1962), do escritor Luís Romano.

Sobre o romance

O romance *Famintos* publicado no Brasil pela primeira vez em 1962 havia sido escrito muitos anos antes, durante a década de quarenta do século XX. O autor tentou publicá-lo em Cabo Verde por essa época, mas o romance foi proibido. Pouco depois de sua publicação no Brasil, a obra foi novamente censurada no país, tendo sido finalmente liberada em 1970.

Romano é natural de Cabo Verde, especificamente da Ilha de Santo Antão (uma das dez que compõem o arquipélago). Nos anos de 1950 do século passado, aderiu aos ideais de independência, tendo desempenhado cargos na direção do PAIGC²³. Foi considerado “persona non grata” pelo Estado Português por suas atividades políticas, fato que o fez exilar-se em Natal, no Nordeste brasileiro, no início dos anos 1960, quando *Famintos* foi finalmente publicado.

Buscaremos analisar o romance levando em conta o lastro de realidade que motivou a ficção, pois acreditamos que:

A literatura não “cai do céu”, não é o produto de uma misteriosa “criação”, mas da prática social (ou melhor, de uma prática social); também não é uma actividade “imaginária”, embora produza efeitos de imaginário, mas “o produto do reflexo”, necessariamente, portanto, um processo material, “de uma dada vida social”. (BALIBAR/MACHEREY, 1976, p.26).

Não queremos nos reportar aqui às questões estéticas relacionadas à “teoria do reflexo” em sua complexidade, apenas demonstrar que, especificamente na ficção que compõe o “corpus” deste trabalho, a motivação histórica e ideológica salta aos olhos do leitor.

O romance surgiu da necessidade que o autor tinha de denunciar uma das maiores secas e a conseqüente crise de abastecimento, deflagrada nos anos 1947/1948, que o arquipélago de Cabo Verde atravessou. A situação foi acompanhada por Romano na Ilha de Santo Antão, local de seu nascimento, embora a crise tenha se dado em diversas ilhas.

²³ Partido Africano da Independência de Cabo Verde e da Guiné. Fundado por Amílcar Cabral em 1956, proclamou unilateralmente a independência em 1973, apesar do assassinato do seu fundador no ano anterior.



Conforme descreve o inspetor da metrópole Sousa Santos em relatório oficial: “Fome, sujidade interior e exterior; nu generalizado; alojamento a céu aberto, mortos a caminho dos covais.” (CARREIRA, 1984, p.112) E ainda:

As populações estavam em tal estado de fraqueza que tinham duas espécies de assistidos: uma composta de indivíduos a quem se dava de comer com a certeza antecipada de que não podiam viver, tal o estado de depauperamento físico a que tinham chegado; outra, composta por indivíduos que podíamos aguentar ainda, desde que lhes fornecesse, como passámos a fazer, comida que não era abundante, mas que os ia sustendo. (CARREIRA, 1984, p.114.).

Tal descrição vale lembrar aqui, é dada por um técnico enviado pela metrópole para acompanhar a calamidade do arquipélago, cujo relatório não tem como objetivo a divulgação, mas apenas informar à metrópole o processo da crise.

Segundo Antonio Carreira²⁴, as crises de abastecimento ocorridas nos anos 1941-1943 e 1947-1948 não receberam cobertura da imprensa, pois muitos jornais importantes haviam deixado de circular, por imposição da censura de Antonio de Oliveira Salazar:

É neste caminhar no tempo que chegamos às duas mais catastróficas crises ocorridas no presente século: as de 1941-1943 e 1947-1948. Infelizmente não conseguimos encontrar elementos de informação suficientemente elucidativos que nos permitam ajuizar do desencadeamento das crises e das ocorrências. As “Notícias das ilhas” deixaram de ser publicadas a partir dos finais dos anos vinte e com isso a perda de uma boa fonte informativa, assim como da imprensa local, inteiramente controlada pelo governo. (CARREIRA, 1984, p.100).

Com efeito, acreditamos que o silêncio imposto à imprensa criou a necessidade, para alguns romancistas, de relatar passagem tão marcante na história de uma comunidade. Foi o caso de Romano, bem como de Manuel Lopes, que, após presenciar os eventos da crise, escreveu *Flagelados do Vento Leste* (s/d.). Escreve Lopes, no prefácio de seu romance:

Acompanhei um dos períodos mais sombrios da odisséia agrícola do povo mártir de Santo Antão. Compartilhei da sua luta com tal ansiedade e adesão, que ficou viva no meu espírito e gravada no meu coração para sempre a terrível tragédia. (LOPES, s/d, p. 6)

A caminhada

O romance *Famintos* tem como cenário a fictícia “Ilha sem Nome” e não se trata de uma narrativa linear, com núcleos de personagens que se relacionam, ou capítulos subsequentes que criam uma unidade na narrativa. Trata-se, sim, da narrativa de vários núcleos que surgem e desaparecem da ficção. A cada capítulo um novo grupo de personagens nos é apresentado, sua história é contada e dá-se lugar a outro. No nosso entender, o escritor se utiliza dessa estratégia para trazer ao leitor o máximo de informação acerca do fenômeno,

²⁴ Antonio Carreira é antropólogo e dedicou-se a fazer um levantamento das diversas crises alimentares que ocorreram no arquipélago de Cabo Verde.



bem como evidenciar as diferentes posturas que as distintas classes sociais assumiam diante da tragédia, conforme excerto:

O camponês fitou o tecto e suspirou.

- Quanto o senhor pode dar?

- Está vendo... nessas coisas... nem se sabe o que vale uma horta hoje em dia. As chuvas não vêm. Doença de plantação. Despesas de toda a casta. Compro a terra e fico com o dinheiro empatado na certa.

- Queres três contos e duzentos?

- Cosme ficou assarapantado, boca aberta, as mãos bem à cadeira para não cair.

- Seja! Maior é Deus! (ROMANO, 1962, p. 44).

Pois bem, podemos perceber no diálogo citado que a voz narrativa busca trazer ao leitor tanto a fragilidade do camponês, como a astúcia do comerciante, que se aproveita da seca para comprar a preços irrisórios uma propriedade com maior valor: “Boa propriedade sim senhor, que aquilo é que era negociar: o resto cantigas” (ROMANO, 1962 p.44), gaba-se o personagem do comerciante.

Entretanto, há outro aspecto que aqui gostaríamos de colocar – a abordagem que Romano faz da ideologia da religião católica, oficial no arquipélago e que, ao que nos parece, perpetua e reforça as desigualdades sociais na visão do autor. São inúmeras as passagens em que a crítica a essa doutrina aparece durante a ficção, mas, para o momento, nos deteremos no capítulo “A causa”. É um trecho guiado por personagens anônimos que migram em busca de sobrevivência: mãe e filho que percorrem a terra, calados, observando a catástrofe da fome. Os dois seres seguem como se fossem formados apenas por pernas e olhos; em sua trajetória viam pessoas morrendo de disenteria, minhafres aguardando a falência de algum organismo vivo e muita agonia.

O quadro de calamidade é pintado com tintas fortes:

E as caravanas deixavam vestígios de sua passagem. Aqui uma pelota coalhando-se ao sol, acolá a dois passos, o corpo de um infeliz esverdeando-se fora da cova que não foi concluída. (ROMANO, 1962, p.25).

Mãe e filho, na passagem acima destacada, caminham entre cadáveres e pré-cadáveres, desviando-se dos corvos e urubus que transitam livremente entre um corpo e outro.

Há pouca interlocução entre a mãe e a criança e, quando esta ocorre, é sempre dada em função do quadro que presenciam, sempre motivada pela curiosidade da criança. A mãe responde na medida de seu repertório:

As pessoas paravam uns momentos, que talvez conhecessem o “finado”, para depois se afastarem.

Os meninos encolhiam-se nas saias das mães, espiavam e perguntavam: - Mãe, quem é? Quem é mãe?

- É fulano das bandas do Cabeço, respondia a mulher com a voz embargada. E eles continuavam espreitando até que a volta do caminho cortasse a cena. Longo tempo olhavam para trás supersticiosos. (ROMANO, 1962, p. 25).



Note-se que a voz narrativa descreve como supersticioso o olhar das personagens. O autor parece sugerir que, com a insegurança e a falta de melhor explicação, a superstição parece ocupar o espaço quando da falta de uma lógica, ou mesmo de uma possibilidade de visão do futuro.

O crítico brasileiro Alfredo Bosi, ao analisar as obras de Graciliano Ramos e de Guimarães Rosa, que retratam a vida dos sertanejos brasileiros e sua relação com a religiosidade, nos coloca que:

O sertanejo crê no destino, na sorte e no azar, e sua crença é tanto mais sólida e justificada quanto menor é o seu raio de ação consciente sobre o que lhe há de suceder. Quando toda grande modificação vem de fora, o “dentro” não precisa desenvolver nenhuma razão de previsibilidade de longo alcance, nenhum projeto que amarre fins e meios, a não ser aqueles que cabem no dia-a-dia da sobrevivência. (BOSI, 2003, p.37).

Lembramos que no caso do romance de Romano, a possibilidade de sobrevivência dos personagens estava especialmente ameaçada, o que, acreditamos, limita ainda mais a possibilidade de se criar uma resposta interior. A presença constante da morte limitava ainda mais a capacidade de se criar um sonho, uma mudança pessoal ou social.

Etienne Balibar e Pierre Macherey, ao problematizar a “teoria do reflexo”, que aponta a literatura como um instrumento de representação da realidade defendem que:

[...] O marxismo “prova” a sua incapacidade em explicar não tanto uma “realidade”, mas um “valor” absoluto dos tempos modernos (valor de futuro, a partir do momento em que a *religião* começa a vacilar). [Grifo nosso.] (BALIBAR/MACHEREY, 1976, p.22).

Chamamos a atenção para a perda de espaço da religião na capacidade de explicar o futuro, mas devemos lembrar que os autores escrevem sob o ponto de vista europeu, ou seja, a partir da experiência histórica desse continente. Para países africanos, como é o caso de Cabo Verde, o longo período submetido à condição de colônia altera sobremaneira o processo histórico, sobretudo se pensarmos no papel que coube a essa região no processo de implementação e manutenção do sistema capitalista. Importante destacar ainda que Cabo Verde, diferentemente de outras colônias portuguesas em África, não manteve uma religiosidade própria, como no caso de Angola e Moçambique, mas teve seu imaginário religioso construído a partir da matriz portuguesa.

Acreditamos na possibilidade de se deduzir que Romano tinha em seu horizonte ideais marxistas, dada sua participação no PAIGC, mas lembramos que, ao trazer tais ideais para o processo cabo-verdiano, o autor tem de se reportar à ainda forte presença da doutrina católica, na busca de questioná-la, uma vez que os personagens da ficção buscavam entender sua realidade a partir dos ensinamentos do catolicismo.

Se voltarmos ao romance, podemos notar a perspectiva crítica do autor à religião, conforme excerto:



E os velhos diziam que aquilo era o acabar o mundo. Que castigo tinha vindo da maldade de gente-homem. Que povo estava amaldiçoado, filho sem respeito para os maiores, que menino que nascia hoje tinha mais prenda que gente de idade. Que filho-de-parida tinha esquecido ordem de Deus e que em vez de ouvir missa, queria tresnoitar menina-de-gente. Que pecado merecia castigo e todos pagavam por causa de um. (ROMANO, 1962, p.23).

A noção de pecado e castigo descrita acima aparece como única resposta aos moradores, que se resignam diante da calamidade ao invés de se rebelar.

Retomando a caminhada descrita no capítulo, encontramos mãe e criança novamente contemplando a calamidade:

O silêncio apoderava-se de tudo: das fazendas, das aldeias, das casas dispersas que lembravam os nomes dos que partiram ou ficaram sepultados a esmo e os que os passarões teimavam em desenterrar.

Quem é, Mãe? Mãe, quem é?

Um fiel cristão que já terminou penitência na terra. E ela fazia um sinal da cruz enquanto rezava um padre nosso. (ROMANO, 1962, p.26).

Novamente o repertório religioso é o único recurso que a mãe tem para responder à curiosidade da criança, importando observar que, neste momento, nome e endereço do finado são ignorados, a informação que a mãe tem sobre o indivíduo vai perdendo sua especificidade; aqui, o cadáver já não tem identidade.

Prosseguindo a caminhada, mais adiante, encontramos os personagens novamente observando um cadáver:

Na entrada das ribeiras, os camponeses descansavam e os catraios ficavam amedrontados quando descobriam algum cadáver emborcado. Mãe nem já respondia. – Está calado menino, que não sei quem é. (ROMANO, 1962, p.27).

Notamos aqui que a mãe vai se tornando indiferente ao cenário de desolação, vai se embrutecendo e, diante de tantas mortes, já não encontra respostas para seu filho.

Após mais trechos de descrição da tragédia, chegamos ao final do capítulo com a seguinte passagem:

E quando outrasavas passaram pela horta, rebuscando o que os outros tinham levado, o menino perguntou ao ver o corpo que girava sobre si mesmo, na ponta da corda:

- Quem é, Mãe?

- Cala boca, não tem nome, respondia a mulher; já sem lágrimas para verter. (ROMANO, 1962, p.28).

Mediante forte impacto da imagem da caminhada de mãe e filho, com os diálogos e cena repetidos, remeteu-nos à imagem de uma procissão, com a ladainha: “Mãe, quem é?” Entretanto, esta procissão caminha no sentido inverso – conforme a travessia avança, a fé vai diminuindo, como se a ideologia religiosa fosse se esvaziando diante da morte. Uma espécie



de “via crucis” em reverso, dado que na passagem do Novo Testamento são vários vivos prestando homenagem a um morto, enquanto que, no capítulo analisado, são alguns poucos vivos caminhando sobre uma fila de cadáveres.

Talvez possamos apontar que, para o autor, a religiosidade da região é uma das responsáveis pela situação calamitosa de seu povo, uma vez que o nome do capítulo é “A causa”, não propriamente responsável pela seca e pela fome, mas um pilar ideológico que sustenta a resignação e perpetua as desigualdades sociais. A escrita engajada de Romano nos sugere que, para além de demonstrar a falibilidade do discurso religioso para explicar a realidade, o autor parece propor o esvaziamento da ideologia religiosa, entrando em concordância com a definição apontada por Alfredo Bosi para o papel da religião no universo das pessoas que vivem a pobreza: “a alma de um mundo sem alma, como Marx define com o maior dos realismos a religião dos oprimidos”. (BOSI, 2003, p. 37).

Sabemos que o autor almeja mudanças para seu meio social, dadas suas atividades políticas já apontadas neste trabalho, e encontra na escrita uma forma de participar da mudança que deseja ver, conforme escreve Sartre:

Assim, quer seja ensaísta, panfletário, satirista, romancista, quer fale somente das paixões individuais, ou se lance contra o regime social, o escritor, homem livre, que se dirige a homens livres, tem apenas o único tema: a liberdade. (SARTRE, s/d, p.52).

Com efeito, para esse momento do romance que aqui analisamos, Romano parece pretender libertar sua comunidade da opressão religiosa para que se permitam reagir. Em uma visão mais geral do romance, podemos perceber uma escrita didática, que dirige sua crítica às demais esferas de opressão. Sabemos que está em seu horizonte a independência de sua região, ou seja: a liberdade.

Referências

- ROMANO, Luís: **Famintos** - Romance de um povo. Natal: editora Leitura S.A, 1962.
- BOSI, Alfredo: **Céu/inferno**. São Paulo: Duas cidades. 2003.
- LOPES, Manuel: **Flagelados do Vento Leste**. São Paulo: Ática, s/d.
- CARREIRA, António: **Cabo Verde – Aspectos sociais**. Secas e fomes do século XX. Lisboa: Editora Ulmeiro, 1984.
- BALIBAR, Étienne /MECHEREY, Pierre: **Literatura, significação e ideologia**. Lisboa: Editora Arcádia, 1976.
- CAHEN, Michel: **Luta de emancipação anti-colonial ou movimento de libertação nacional? – Processo histórico e discurso ideológico – o caso das colônias portuguesas e de Moçambique, em particular**. Porto: Africana Studia, 2006.
- SARTRE, Jean-Paul: “Por que escrever?”, in **Que é a literatura?** São Paulo: Editora Ática, s/d.



